

Habitude criativa como dimensão da participação e reificação em comunidades de prática

Creative Habitude as a Dimension of Participation and Reification in Communities of Practice

*Marcelo Alessandro Fernandes**

Resumo: Introdução: Desde o estabelecimento da filosofia na Grécia Antiga, a filosofia da inteligência se estabeleceu pelo apelo do representacional, que hoje se apresenta por um domínio algo totalizante na pesquisa científica. Na contramão, Xavier Zubiri fundamentou uma nova forma de pensar a inteligência a partir da dimensão senciente. Este estudo busca uma aproximação entre a filosofia da Inteligência Senciente e os conceitos de participação e reificação em Wenger para propor um novo entendimento para as comunidades de prática: de que estas poderiam ser mais bem orientadas à inovação a partir da habitude criativa, conceito proposto nesse trabalho. Resultados: O estudo abre espaço para a compreensão futura de como se dá a resposta criativa nos termos da aproximação da Inteligência Senciente e as descobertas trazidas pela neurociência, dando-se destaque aos chamados perfis interoceptivos. Essa discussão se deu por meio da metodologia do discurso dialético. O conceito da habitude criativa veio pela compreensão de como o ficcionar criativo envolve a dimensão senciente na formalização de uma nova resposta. Conclusão: Novos estudos, poderão estabelecer uma compreensão mais aprofundada de como o ser humano desenvolve as respostas criativas antes à problemas complexos e de que forma essas respostas são em si mesma um dinamizar criativo pela participação e reificação oriundas do campo senciente.

Palavras-chave: Habilidade; Criatividade; Senciente; Participação; Reificação.

Abstract: Introduction: Since the establishment of philosophy in Ancient Greece, the philosophy of intelligence has been established by the appeal of the representational, which today is presented as a somewhat totalizing domain in scientific research. On the contrary, Xavier Zubiri founded a new way of thinking about intelligence based on the sentient dimension. This study seeks to bring together the philosophy of Sentient Intelligence and Wenger's concepts of participation and reification to propose a new understanding of communities of practice: that they could be better oriented towards innovation based on creative

* Doutorando em Gestão da Informação pela UFPR, tendo feito mestrado em Engenharia de Produção na UFSC e graduação em Engenharia de Produção Civil também pela UFSC. Possui grande experiência em implantação de projetos de inovação em multinacionais e ministra disciplinas relacionadas a inovação e criatividade. Autor do livro Fator Leonardo: Ação Criativa Mais Primordial. Formado em Psicodrama e Sociodrama pela ABPS.

E-mail: marceloalessandro@gmail.com

habitude, a concept proposed in this work. Results: The study opens space for a future understanding of how the creative response takes place in terms of the approach of Sentient Intelligence and the discoveries brought about by neuroscience, highlighting the so-called interoceptive profiles. This discussion took place using dialectical discourse methodology. The concept of creative habitude came from understanding how creative fiction-making involves the sentient dimension in the formalization of a new response. Conclusion: Further studies could establish a more in-depth understanding of how human beings develop creative responses to complex problems and how these responses are in themselves a creative dynamic through the participation and reification of the sentient field.

Keywords: Habitude; Creativity; Sentient; Participation; Reification.

Introdução

As Comunidades de Prática foram notabilizadas a partir da criação e o desenvolvimento de uma teoria de aplicação no campo prático pelo pesquisador Etienne Wenger (WENGER, 1988) que pode ser considerada como uma construção coletiva de práticas locais que permite o compartilhamento de informações, do aprendizado, da construção compartilhada de sentido e da negociação de valores - no sentido de que o termo prática traz uma conotação maior de prática social (WENGER, 1988). São pessoas que sobretudo compartilham interesses, um conjunto de problemas em comum a serem trabalhados e solucionados e até mesmo uma paixão por um tópico específico. Essas pessoas se reúnem regularmente para aprender e desenvolver o aprendizado num domínio de interesse mútuo através do compartilhamento do conhecimento e a convivência que se dá num período de tempo (WENGER, 1998).

Wenger irá estabelecer dois processos fundamentais para a compreensão da comunidade de prática em âmbito pleno: a participação e a reificação (WENGER, 1998). Esses dois processos que formam uma dualidade cambiante e dinâmica são fundamentais para entendermos o que o autor chama de negociação de sentido, que, quando se estabelece, permite a criação de um significado maior sobre a experiência compartilhada e o respectivo crescimento de todos os atores envolvidos pelo fortalecimento de suas identidades.

O espaço de compartilhamento de experiências remete ao conceito de *ba* estabelecido por Nonaka e Konno em 1998 (NONAKA, KONNO, 1998) que seria o “lugar” onde há o compartilhamento do aprendizado e geração de conhecimento, constituído pelas dimensões mental, físico, virtual e até mesmo emocional. No livro *Facilitating Organizational*

Knowledge: Making It Easy o *ba* ocupará um espaço de grande destaque numa empresa que busca a criação de conhecimento em nível organizacional, sendo que os autores irão trabalhar com a noção de microcomunidades de conhecimento, que por sua vez irão surgir e desaparecer na medida em que as pessoas identifiquem a necessidade de aprofundar o entendimento sobre problemas específicos, gerar inovações e compartilhar conhecimento relevante (NONAKA, ICHIJO, KROGH, 2000). Elas trazem consigo a ideia da experimentação e da prototipação rápida, que permitirá com que a organização busque sua renovação pela via da inovação que por sua vez emerge a partir do compartilhamento do conhecimento.

Chama a atenção que a descrição do *ba* ou campo de compartilhamento de conhecimento buscou enfatizar que a dimensão física, psíquica, virtual e emocional envolviam os participantes como um lócus que influenciava o próprio âmbito de aprendizagem e de criação, como se houvesse níveis diferentes de influência entre o que se está a viver e a qualidade do que se está a viver.

1 A dimensão da criatividade nas comunidades na prática

Situando-se nos avanços das últimas duas décadas a crescente prevalência das *startups* e organizações ágeis que a partir de novos instrumentos de gestão buscavam apoiar a ação criativa em direção a circuitos acelerados de aprendizagem para o desenvolvimento de soluções concretas (RIES, 2009) e (SUTHERLAND, SCHWABER, 2014).

Concomitantemente, foi se estabelecendo a cultura *Maker*, que em consonância com o espírito das *startups* buscavam um espaço de concretização das ideias em soluções funcionais e que fomentavam a criatividade como base mesma de vivência e confluência de valores compartilhados: “These new makerspaces, like the hacker communities that preceded them, celebrate creativity and have been characterised as communities of practice in which Makers share knowledge, skills, and social networks” (BEVAN, 2017).

Dessa maneira, apresentando mais claramente a vinculação do compartilhamento do conhecimento, mas enfatizando a decisiva dimensão da criatividade como necessária para o desenvolvimento de novos artefatos, soluções e práticas provenientes da atividade criativa

como resultante da influência do âmbito que envolve cada participante. (VARELA, PALARÉ, MENEZES, 2020).

Chama a atenção nos estudos relacionados às comunidades de prática e a criatividade a ideia mesma do “habitar” o âmbito comum da prática, considerando a dimensão das relações humanas e o situar-se de cada indivíduo perante os demais. Esse habitar é decisivo quando se considera a possibilidade de abertura do campo senciente a partir de novas ideias e experiências de descoberta que impulsiona o deslocar-se no campo para novas realidades.

The essence of artistic practice would then reside in the invention of relationships between subjects; each work of art would embody the proposal **to inhabit** a common environment and the work of each artist, a fabric of relationships with the world that in turn would generate other relationships, and so on to infinity. (RODRIGUES, 2008, grifo do autor)

Assim, o habitar criativo, segundo o entendimento que se está a trabalhar, envolverá a recriação da atividade de desenvolvimento (expansão) (ENGESTRÖM, 2005) pela abertura criativa ao mesmo tempo que essa atividade necessita ser suportada pelos vínculos pessoais, mas também requererá a recriação desses mesmos vínculos. Esse movimento implica num novo situar-se no campo de realidade sensível a que os membros estão vivenciando em trânsito senciente. Essa decisão de participação nesses sucessivos campos de realidade vai se abrir a partir de uma decisão que é ao mesmo tempo pessoal e grupal, uma vez que o não entendimento das oportunidades que se abrem pode vir a ser evitadas ou rejeitadas em função das emoções suscitadas pelo perfil interoceptivo (ALMEIDA, 2023).

2 A inteligência senciente

Nas diferentes tradições da filosofia da inteligência, temos o seminal campo da inteligência senciente do filósofo espanhol Xavier Zubiri que irá propor um novo entendimento para a integração das dimensões que venham a compor o campo rico de interações do desenvolvimento humano: a chamada inteligência senciente, que situa a inteligência humana partindo diretamente do real sensível e que iremos apreender pelo que ele chama de “impressão primordial da realidade” (ZUBIRI, 2011a, p. 186).

Diferentemente de uma longa tradição de filósofos no ocidente que se inicia na filosofia de Aristóteles, passando por Descartes, Kant, Hegel e Husserl, que buscam desenvolver uma teoria do desenvolvimento da inteligência a partir de representações do real, Zubiri irá trazer a ideia do **situar-se no real** a partir da apresentação da realidade na capacidade da mente de apreender notas do real (ZUBIRI, 2011a, p. 63, negritos do autor). Na inteligência senciente, esse situar-se seria traduzido no que Zubiri chama de Campo de Realidade Senciente ou simplesmente de Campo de Realidade (ZUBIRI, 2011a, p. 197-198).

O neologismo senciente foi criado para propor que a inteligência humana já é em seu nascimento uma inteligência sensível que apreende o real em notas. As notas seriam o entendimento que Zubiri traz sobre o que comumente chamamos de informação, sendo que a palavra nota possui na sua raiz latina o radical *gnoto* que irá gerar várias palavras do português moderno como conhecimento, cognição, reconhecimento, incógnito e notícia, sendo essa última mais associada ao que poderíamos compreender como informação (ZUBIRI, 2011a, p. 29-30).

O real seria algo *gnoto* (ZUBIRI, 2011a, p. 15), onde o emprego do particípio nos diz que algo foi apreendido em intelecção senciente e que este movimento é indissociável da ideia de um sentir já inteligente na origem mesma. Assim, a formalização do real se dá nas bases de uma sensibilidade inteligente e não em representações, modelos ou filtros. Esse inteligir se dá num único momento de apreensão, modulando por assim dizer a realidade **na sensibilidade individual**, que conduz para um desdobrar da inteligência no entendimento dos problemas e desafios intelectuais de toda ordem.

Em âmbito geral, o sentido *gnoto* de apreensão da realidade a partir de notas do real (cores, cheiros, sons, etc.) traz uma diferenciação relevante em relação a ideia de informação, comumente utilizada no campo científico e filosófico. As notas são apreendidas em intelecção senciente e já são apreendidas inteligentemente no ato primeiro de formalização do real – o modo pelo qual o campo de realidade assume sua forma concreta. O “dar forma” já está presente na inteligência com todas as conotações sensíveis e significativas. Isso é algo distinto da ideia Aristotélica e Kantiana de conteúdo disforme que chega aos sentidos (ZUBIRI, 2011a, p. 16). Assim, não se compreenderia as informações que são levadas para a inteligência, mas em seu lugar ter-se-ia notas do real que já estão presentes na inteligência. A intelecção senciente é um ato único pró indiviso (ZUBIRI, 2011a, p. 5).

O prefixo “*in*” de informar e informação sugere uma associação com o “dar forma interior”, onde a conclusão do ato intelectual se daria dentro da mente que entende o real segundo um representacional. O in-formar daria a forma do mundo num representacional que perspectiva esse mundo, mas nunca o acessa diretamente (ZUBIRI, 2011a, p. 42). Nesse sentido, o “*in*” da palavra informação pode ser visto como algo que está sendo introduzido no espaço de conhecimento consciente, passando pelo filtro das representações. Assim, aquilo que nos é externo seria bastante variável, mas, pelas representações, criaria um saber conceitual que nos permitiria o “dar-se conta” das coisas (ZUBIRI, 2011a, p. 117-118).

Na inteligência senciente, a nota se origina nas coisas mesmas e nos dá um acesso direto e não mediado à realidade, sendo que o real seria apreendido segundo uma infinidade de modulações da sensibilidade humana. Essa sensibilidade já é inteligente, fazendo com que a intelecção se desse em um único momento, um sentir(ciente). Não haveria um primeiro momento de sentir o mundo e depois entendê-lo, como se os dados viessem fragmentados e desordenados, havendo à inteligência a tarefa de um deslindar do caos a que estamos colocados. O sentir e o entender estariam intrinsecamente ligados, formando um todo indivisível. Cada toque, cheiro, som e sabor contém uma significação senciente imediata não cabendo a mente decifrá-la, pois sua significação no âmbito humano já é estabelecida. No sentido senciente que se está apresentando a realidade é formalizada segundo notas sensíveis que possuem uma significação imediata apreendida no real onde se está situado.

A filosofia clássica confundiu o sentir com o puro sentir, com o que conceituou que entre sentir e entender há oposição. Não é assim. A prova está em que há impressão de realidade. Impressão de realidade enquanto impressão é sentir. Mas por ser de realidade é entender. Impressão de realidade é formalmente sentir e entender. Na impressão de realidade, sentir e entender não são senão dois momentos seus. [...] Em meio a todas as discussões sobre o dualismo ou não dualismo das coisas, deixou-se intacta a dualidade dos dois atos: o ato de sentir e o ato de entender. Pois bem, penso que no homem sentir e entender não são dois atos, cada um completo em sua ordem: são dois momentos de um só ato, de uma impressão uma e única, da impressão de realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 53)

Nesse sentido, poderíamos vincular a inteligência senciente a ideia mesma de participação e reificação em Wenger (1998), ao conceito de *ba* de Nonaka e Konno (1998) e

também as demais abordagens que envolvam a participação humana em âmbitos de realidade sensível, pela ênfase no sentir de realidades, que poderia ser melhor compreendido a partir da ideia basilar de Campo Senciente de Realidade em Zubiri.

3 O situar-se no real como habitude sensível

Nesse artigo, busca-se criar uma discussão dialética envolvendo as noções de participação e reificação em Wenger, o conceito de habitude e formalização do Filósofo Zubiri para servir de base ao desenvolvimento um novo conceito de habitude: o da habitude criativa, ou seja, a maneira própria e singular com que o indivíduo irá se situar ante uma situação conhecida ou nova para levar algum tipo de resposta criativa ou inventiva.

Iniciando a presente discussão com a ideia de participação em Wenger, ele nos traz a seguinte definição:

In this book, I will use the term participation to describe the social experience of living in the world in terms of membership in social communities and active involvement in social enterprises. Participation in this sense is both personal and social. It is a complex process that, combines doing, talking, thinking, feeling, and belonging. It involves our whole person including our bodies, minds, emotions, and social relations. (WENGER, 1998, p. 55)

Essa ideia de participação coloca o indivíduo ante novas situações, novos desafios relacionados ao aprendizado. Em sua relação direta com outras pessoas, na busca de seu espaço no grupo, nos desafios de estabelecimento de sua identidade, às tensões psicológicas do vir-a-ser sempre em cambiante transformação e o sentir o si mesmo em evolução continuada. Complexidade entre o ater-se às suas próprias impressões e àquelas reconhecidas pelo grupo. Aquilo que lhe é familiar, próximo e aquilo que lhe é estranho, surpreendente e despropositado.

A estrutura da ação senciente estabelecida por Zubiri envolve três momentos no organismo animal: “suscitação-modificação-tônica-resposta” (ZUBIRI, 2011a, pág. 62). Assim, a ação senciente envolve modificações na dimensão fisiológica e psíquica tanto no que lhe é externo quanto interno, constituindo graus de complexidade no situar-se ante os “outros” e o situar-se ante o “si mesmo”.

Suscitação é um processo bioquímico que desencadeia a ação no animal humano e não humano e envolve por assim dizer o animal como um todo sendo diferente da excitação, pois esta está relacionada à aspectos funcionais do organismo. (ZUBIRI, 2011a, pág. 12).

A modificação tônica toma parte da resposta e normalmente está relacionado aos fatores endógenos conaturais do animal, levando mudanças no tônus vital. Nos animais irracionais seria a preparação para a resposta, criando as condições para o acionamento de uma ação, que poderá envolver o enfrentamento ou fuga em situações de defesa (ZUBIRI, 2011a, p. 27-28).

A modificação tônica leva ao momento de resposta que pode ser muito variado. É momento acional, pois com efetores comumente usados uma resposta pode ser muito diferente. A questão que se quer apontar é que se trata de um modo de resposta.

O animal humano possui esses três momentos, mas como dito anteriormente estará diretamente relacionado à inteligência senciente, onde nossos modos de inteligência estarão ligados ao *logos* senciente (lógica), ao *ratio* senciente (razão) e a criação senciente – sendo esta última diretamente relacionada à capacidade humana de viver o real em ficção.

Nesse sentido, é que se está a postular uma aproximação entre o que Zubiri chama de campo senciente de realidade e as demais abordagens que situa a inteligência humana num *locus* de aprendizagem e criação. Para o presente trabalho está-se a especular sobre a resposta criativa, advinda da imaginação senciente que se está a denominar como *Creatio* Senciente, termo não presente na filosofia zubiriana.

Assim, o campo de realidade senciente, com todos os aspectos de sensibilidade ante às situações, à dinâmica relacional e o sentir do eu próprio em seu desenvolvimento, pode agora ser compreendido pela dimensão senciente - uma vez que a participação envolve o âmbito de desenvolvimento dos indivíduos e dos grupos no que Zubiri denominará de realidade campal (ZUBIRI, 2011a, p. 197-198).

Outro processo central para o entendimento das comunidades de prática em Wenger é o da reificação. Wenger assim o define, ainda que a conceituação se estabeleça de forma algo difusa no texto, uma vez que não fica claro se está descrevendo aspectos representacionais da mente que projeta algo sobre o mundo ou do próprio algo que está sendo produzido:

I will use the concept of reification very generally to refer to the process of giving form to our experience by producing objects that's congeal this experience into "thingness." In so doing we create points of focus around which the negotiation of meaning becomes organized. (WENGER, 1998, p. 58)

Coincidentemente no campo da inteligência senciente também há o termo reificação que é utilizado para indicar a formalização da realidade, que Zubiri irá indicar como o “*de suyo*”, ou seja, “de seu”, algo que é inequívoco apreendido em intelecção senciente e que é sentido e inteligido como algo próprio, pertencendo a si mesmo (ZUBIRI, 2011a, p. 79-80).

Em sentido zubiriano, reificação seria o momento de formalização do real a partir dos conteúdos situados no campo de realidade desde si mesmos, sendo que esse real transcorre em abertura para um *ex* que se abre transcendentemente para novas realidades se consideramos o primeiro momento de apreensão senciente (ZUBIRI, 2011a, p. 86-89). É nos dizeres de Zubiri “*realitas in essendo*” ou “realidade no ser sendo” (ZUBIRI, 2011a, p. 160). Daí decorre que a reificação possui como característica fundante o “situar-se” no real presente ao mesmo tempo que permite um deslocar em direção à novas realidades, onde o campo do possível se abre pela *presentidade* (ZUBIRI, 2011a, p. 99-100) das coisas e pelas possibilidades conferidas pela nossa imaginação criadora. Seria o caráter ativo e de abertura à novos possíveis que se dá pelo que Zubiri chamará de dimensão *noérgica* da mente (ZUBIRI, 2011a, p. 40-42).

Isso trará um contraponto para as áreas que buscam sistematizar a resolução de problemas a partir de processos conhecidos como *Problem Based Learning* (BEVAN, 2017) – que possivelmente Zubiri chamaria de processos logificados (ZUBIRI, 2011a, p. 161-162) uma vez que o sentir proveniente da dimensão humana senciente nos situa localmente e direcionalmente. Essa característica está presente principalmente na dimensão criativa, que sempre traz consigo um “ir para” que só se dá pelo caráter de abertura da mente humana (ZUBIRI, 2011a, 196-198). Assim sendo, vive-se as possibilidades por meio de imagens e emoções sensíveis criadas algo livre a partir de um ficcionar desrealizado (ZUBIRI, 2011b, p. 68-69). Esse novo “colocar-se” e “situar-se” na atividade criativa é o que está se propondo como sendo a dimensão do *Creatio*, complementando o *Logos* e o *Ratio* Zubiriano e que fundará as bases da habitude criativa.

A estrutura “suscitação-modificação tônica-resposta” leva à habitude, que em sentido Zubiriano significa o “haver-se” com as coisas (ZUBIRI, 2011a, p. 62-64). A palavra habitude tem origem no vocábulo “habere” do latim que levou ao surgimento das palavras hábito, habitar, habilidade e que denota justamente a ideia mesma de se estar situado no real lidando com as coisas e empreendendo ações para melhor “haver-se”. Da habitude são gerados os hábitos e os padrões de comportamento, mas no sentido da ação responsiva que se está estudando é a forma como a impressão de realidade *atua* impelindo a algum tipo de resposta. É o momento de abertura para o “*trans*” no sentido de se deslocar para sucessivas reificações do real num “para” que será apreendido e compreendido em intelecção (ZUBIRI, 2011a, p. 79-80).

Assim habitude estaria mais próxima da ideia mesma do habitar o habitat- o movimento intelectual que coloca na realidade a partir da atenção direcionada, presentificando o real na apreensão senciente. Seria o ato de habitar segundo condições que afetam (afecção) e segundo respostas derivadas da conjugação dos sentidos internos e externos (alteridade) e que irá atuar para algum nível de resolução (força de imposição e resposta) (ZUBIRI, 2011a, p. 16).

Entretanto, além do “estar colocado” entre as coisas não viventes o ser humano se situa no real de acordo com a maneira própria de haver-se:

O vivente, porém, tem um caráter modal próprio, exclusivo do vivente: assim colocado, está situado de determinada forma entre as coisas, tem entre elas seu *situs*. [...] Colocação e situação, tomadas em toda a sua amplitude e não só em sentido espacial, são dois conceitos radicais deste estrato do ser vivo. Não são idênticos, mas tampouco independentes: uma mesma colocação enseja situações muito diversas. (ZUBIRI, 2011a, p. 62)

Por conta disso, algumas iniciativas da pesquisa neurocientífica que buscam considerar os sentidos internos que criam as chamadas respostas interoceptivas, considerando a interação das emoções e as chamadas intelecções ativas (ALMEIDA, 2023), (STRIGO, CRAIG, 2016), (CRAIG, 2003), (BACK, BERTSCH, 2020), (WENG, FELDMAN, LEGGIO, 2021). Dessa forma, seria possível buscar níveis de compreensão no transcurso envolvendo afecção-alteridade-força de imposição do real em caráter mais abrangente que envolve não só os sistemas informacionais, mas também o campo de realidade senciente, como já vinha indicando alguns autores.

Assim, participação e reificação poderiam ser mais bem compreendidos pelo entendimento mais abrangente da formalização da realidade, indicando métodos para o desenvolvimento da habitude senciente ante às situações, dando um passo para além da informação que busca o “dar-se conta de” concernentes a uma situação – algo distanciado onde a informação seria notícia que não envolve níveis de participação senciente para o desenvolvimento de novas respostas.

Recentes artigos vêm apontando a importância de compreendermos o âmbito criativo no trabalho em equipe a exemplo da cultura *maker*, que mostra a um só tempo a concomitante presença do participar e do reificar em nível senciente ao propiciar espaço aberto para a manifestação do “*design, making and play*” (BEVAN, 2017), que irão melhor explorar o campo de realidade transcendentalmente aberto em sentido zubiriano.



Figura 1. Dimensão da Participação Senciente (Proposta do autor).

Essa participação e reificação em abertura poderiam ser mais bem pesquisadas se pudéssemos compreender as prováveis combinações dos níveis interoceptivos que modulam o inteligir senciente, desde uma sensibilidade inteligente que convida à abertura até a presença de emoções que cerceiam a resposta espontânea, a modulação do “haver-se” ante uma nova situação.

Assim, a sensibilidade inteligente modula o estar no real, apreende o âmbito sensível do campo ao mesmo tempo que permite um desdobrar-se desde si mesmo para novas possibilidades num renovado vir a ser a partir da habitude e do desenvolvimento de novos níveis de habitude.

4 A habitude criativa

Conforme foi apresentado, a habitude concerne não só a um “colocar-se” fisicamente no mundo, mas também diz respeito a como o ser humano “se situa” nesse mundo a um só tempo pela inteligência sensível nesse real, uma vez que apreende a realidade por meio de constelações de notas sensíveis que forma um todo em apreensão senciente (ZUBIRI, 2011a, p. 23-24).

Assim, as emoções já trazem juntas de si, num movimento indissociável, o discernir em presença das coisas, a modulação dos afetos que levam a participação, o vislumbre de possibilidades e as percepções matizadas pelo sentimento das diferenças.

No que está a se discutir, a habitude é a resposta primeira que em si mesma traz o potencial de resposta criativa - uma vez que pode-se considerar respostas diferentes para situações similares e respostas de caráter original para novas situações. A criatividade conferida a essas respostas são oriundas de modificações na dimensão senciente desde a afecção, alteridade e força de imposição de uma situação (ZUBIRI, 2011a, p. 14-16), onde uma mesma situação afetante pode ser modulada em diferentes alteridades gerando modificações perceptíveis na intensidade e natureza das respostas. Entretanto, aquilo que é particularmente apreendido segundo uma singularidade do perceber, imaginar e vislumbrar respostas se relacionará ao desenvolvimento da criatividade. E essa possibilidade de resposta criativa se estabelece em como uma pessoa se coloca e se situa ante uma situação. (ZUBIRI, 2011a).

Uma mesma alteridade impressiva pode impor-se de forma muito variada. A força de imposição não tem nada que ver com a força no sentido de intensidade da afecção. Uma afecção muito forte pode ter uma força muito pequena de imposição. E, reciprocamente, uma afecção fraca pode ter uma grande força de imposição. (ZUBIRI, 2011a, p. 16)

Entretanto, busca-se conceituar no presente trabalho uma nova forma de habitude, que se traduzirá por um situar-se no real por uma disposição própria para a atividade criativa, que suscita mudanças na dimensão atuante orientada desde o agente para o mundo: o que nomeadamente está se chamando de *habitude criativa*.

Ao mesmo tempo que se dá de forma muito diversa também traz consigo como que uma abertura do campo senciente modificando estados preparatórios e atentos a partir de um

acionamento intelectual que se abre para o surpreendente e para o irrealismo do próprio ato criador.

Seria um deslocar-se “para”, em sentido zubiriano, onde aquilo que “presentifica” segundo um “situar-se” em impressão de realidade é modificado por uma nova habitude que faz principiar a ação criativa em *abertura campal*. Para tanto, a habitude criativa se faz valer de emoções que criam uma conexão senciente com o perfil interoceptivo próprio para o ficcionar criativo. Tais emoções trabalham em caráter de rompimento do *logos* senciente, modificando sencientemente o próprio situar-se e subsequentemente, em ação direcional, o “colocar-se”.

Nesse deslocar-se, a imaginação pode trabalhar mais livremente com diferentes graus de energia criativa (noergia), considerando que esse caráter em transição é também caráter de modificação do “situar-se”. Nesse sentido, essa recomposição do campo senciente se dá pela dimensão do *Creatio* Senciente, que possibilita a busca pelo novo, pelo inédito, pelo sentimento do irreal no real.

No entanto, esse “re-situar-se” no campo não é um ato terminal. Ele possui em si mesmo o potencial de reversão do próprio sistema de pensar o real, recriando as estruturas pelo qual o *logos* operava. É recriação do como inteligir a situação por meio de um sentir em abertura, uma vez que gera condições outras, porque o caráter *gnoto* do que é apreendido e pode ser apreendido tem o potencial de se modificar radicalmente. Seria então uma modificação do âmbito sistemático do conhecer para o assistemático – uma vez que a abertura promove como que o espaço para o estabelecimento de uma lógica nova, impulsionada pelo movimento mais livre de imagens em percepto, fictos, abstratos e conceitos (ZUBIRI, 2011b, p. 68-70).

Na tese Zubiriana de um *logos* senciente, este se pauta pela relação entre as coisas pertencentes à realidade campal:

No problema que nos ocupa, os gregos ancoraram sua ideia de *légein* nesta ideia de reunião. Pois bem, a meu ver isso é insuficiente. Certamente *légein* significa reunir, recolher. Mas reunir o quê? Isso é o que se deve começar por dizer. Os gregos não se detiveram nesse ponto. Pois bem, reúne-se e recolhe-se o que está no campo de realidade. De forma que *légein*, antes que denotar a reunião mesma, deve servir para designar um ato de reunião “campal”: é um *légein campal*. (ZUBIRI, 2011b, pág. 30; grifo do autor)

A essa ideia de reunião de coisas presentes no âmbito da realidade campal a que se está contrapondo por meio do *Creatio* Senciente, uma vez que a atividade senciente criativa não é o reunir ou recolher segundo a assertiva zubiriana e sim o crivar àquilo que se reúne em atividade senciente. O *logos* que se ocupa em estabelecer elos entre elementos conhecidos é interrompido em seu movimento senciente pela imaginação criadora, que por si mesma também trabalha na dimensão senciente campal, uma vez que se pode dizer que o imaginário faz surgir emoções novas e diversas em sua atividade criadora. Na atividade criativa, o *logos* senciente é revertido pelo movimento no âmbito do *Creatio* senciente, onde as relações são bruscamente interrompidas por disjunções no próprio apreender, que em sua modificação gera novas impressões sencientes que faz abrir o campo.

Assim, o "légō" (λέγω) seria substituído na dimensão campal em abertura pelo ktízō" (κτίζω), raiz grega de originação da palavra criar que se estabelece em atuação senciente em abertura, onde o que se busca é o irreal de um pensar desrealizado, por meio daquilo que em imaginação criadora seria, nos dizeres de Zubiri, o "viver a realidade em ficção" (ZUBIRI, 2011b, p. 69).

Entretanto, o que é esse sentir em habitude criativa? Conjecturamos que ele se situa entre as emoções ditas irracionais, que podem ser trazidas ou não pela atividade imaginativa, num desrealizar, até as intelecções sencientes que inserem o sentir das novas condições com o inteligir dessas novas condições. E justamente essa nova sensibilidade é que confere as condições para o novo situar-se no campo, como uma resposta que a todo tempo buscava-se chegar como consequência da habitude criativa.

Essa interrupção do *logos* senciente zubiriano que parte da ligação das coisas para outras coisas é que está denominando por *Creatio*, uma vez que Zubiri nomea a raiz grega *logos* (*logéin*) para explicar como a lógica se dá num campo senciente num direcional que busca não só as respostas, mas a relação das coisas presentes no campo do real senciente. Assim, o *Creatio* seria uma tentativa de buscar compreender o crivo que o movimento criativo opera, passando a romper a ligação típicas das coisas do real, substituindo por outras coisas em movimento mais livre. Esse caráter de *rompimento* de elos estabelecidos num novo direcional buscando novas ligações, se dá pela criação livre de imagens – atividade típica do *Creatio* senciente. Esta atividade se dá pelo caráter de um *recriar a ligação*, fazendo com que o campo de realidade se

sucedida de forma muito diversa. Esse movimento no campo é, pois, o movimento fundante da criatividade, que poderia ser enunciado como um “*creativitas in essendo*”, que em tradução livre poderia ser compreendido como "criatividade no ser sendo" ou “criatividade no próprio ser” – explicando que a criatividade seria inerente à própria condição humana.

5 Resultados

Dessa forma, com o entendimento da habitude criativa, o participar e o reificar trazido por Wenger apresentaria uma conotação de busca da realização fantástica, própria do pensar em fantasia, o "φαντάζομαι" (phantázomai). Relativa porque está-se a conjecturar que a atividade criativa terá níveis de conexões em abertura com o perfil interoceptivo dos indivíduos, onde o intuir em fantasia trará o sentir de emoções que cria novo âmbito de possibilidades pelo qual novos trajetos do pensar senciante se deslocam para novas possibilidades.

Conclusões

Uma vez que o ser humano não age por um determinante externo (signante estímulo) (ZUBIRI, 2011a, p. 29-31), mas que este pode escolher entre as possíveis respostas, estas estariam circunscritas à limites estabelecidos pelas emoções suscitadas pela habitude criativa ao criar conexões o perfil interoceptivo que abre espaço para um deslocar na dimensão do *Creatio*. Assim, as emoções que rompem também são as emoções que circunscrevem o pensamento em fantasia, mas sem levar a uma determinação – nos permitindo depreender o que seria a habitude criativa senciante.

O estudo da habitude criativa irá em direção a criar uma base filosófica-teorética para o desenvolvimento do que alguns pesquisadores chamam de neurobiologia da autonomia (ESPERIDIÃO, *et. al.*, 2008, p. 63)., uma vez que é pelo entendimento da ação livre criadora que o ser humano conseguiu se tornar, para além de um ser que aprende segundo às condições que lhe são apresentadas, também, pela recriação mesma dessas coisas com um colocar-se próprio e um situar-se próprio criativo ante o real.

Referências

- ALMEIDA, M. G. *Aprendizagem manifesta via interocepção a partir de estímulos de atenção: um modelo para learning analytics*, Projeto de pesquisa PPGGI (UFPR), 2023.
- BACK, S. N. BERTSCH, K. Interoceptive Processing in Borderline Personality Pathology: a Review on Neurophysiological Mechanisms. In: *Current Behavioral Neuroscience Reports*, Cham, 7(4), p. 232–238, 2020.
- BEVAN, B. The promise and the promises of making in science education. In: *Studies in Science Education*, Cham, 53(1), 75-103, 2017.
- CRAIG, A. Interoception: the sense of the physiological condition of the body. In: *Current Opinion in Neurobiology*, Cham, 13(4), 500–505, 2003.
- ENGSTRÖM, Y. *Expansive Learning at Work: Toward an Activity Theoretical Reconceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- ESPERIDIÃO, A. MAJESKI, C. VV. AA. Neurobiologia das emoções. In: *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 35, p. 55-65, 2008.
- NONAKA, I. KONNO, N. The Concept of "Ba": Building a Foundation for Knowledge Creation. In: *California Management Review*, Berkeley, 40(3), 40-54, 1998.
- NONAKA, I. ICHIJO, K. KROGH, G. *Facilitating Organizational Knowledge: Making It Easy*. Cambridge: Harvard Business School Press, 2000.
- RIES, E. *The Lean Startup: How Today's Entrepreneurs Use Continuous Innovation to Create Radically Successful Businesses*. New York: Crown Business, 2011.
- RODRIGUEZ, J. R. Creatividad en el Arte: Descentramientos, ampliaciones, conexiones, complejidad. In: *Encuentros Multidisciplinares*, Madrid, v. 10, n. 28 p. 55-62, 2008.
- STRIGO, I. A. CRAIG, A. D. Interoception, homeostatic emotions and sympathovagal balance. In: *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, London, 371 (1708), 2016.
- SUTHERLAND, J. SCHWABER, K. *Scrum: The Art of Doing Twice the Work in Half the Time*. New York: Crown Business, 2014.
- VARELA, T. PALARÉ, O. MENEZES, S. The Enhancement of Creative Collaboration through Human Mediation, In: *Education Science*, Basel, v. 10, n. 347, 2023.

WENG, H. Y. FELDMAN, J. L. LEGGIO, L. *et al.* Interventions and Manipulations of Interoception. In: *Trends in Neurosciences*, Cambridge, n. 44(1), p. 52-62, 2021.

WENGER, E. *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ZUBIRI, X. *Inteligência e Realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011a.

_____. *Inteligência e Logos*. São Paulo: É Realizações, 2011b.